



Misericórdia com os biomas brasileiros

Mercy on the brazilian biomes

Recebido: 15/02/2017. Aprovado: 07/04/2017.

*Vitor Galdino Feller**

Resumo: *A partir do tema (Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida) e do lema (Cultivar e guardar a criação – Gn 2,15) da Campanha da Fraternidade 2017, o texto propõe uma reflexão sobre a misericórdia divina com a criação. Depois de breves observações sobre a prática da misericórdia entre Deus, o ser humano e a natureza, o artigo se detém na comprovação da prática divina da misericórdia com a criação, atestada nas Escrituras judaico-cristãs. Conclui com a sugestão do empenho por motivarmos uma cultura da misericórdia com a criação.*

Palavras-chave: *Misericórdia. Criação. Biomas brasileiros.*

Abstract: *Starting with the theme (Fraternity: Brazilian biomes and the defense of life) and the motto (Work and take care of the creation – Gn 2,15) from the 2017 Fraternity Campaign, this text proposes a reflection about divine mercy towards the creation. After short observations regarding the practice of mercy among God, the human being and nature, the text focuses on proving the divine practice of mercy on the creation, verified at the Scripture. The article concludes with a suggestion for us to motivate the culture of mercy towards the creation.*

Keywords: *Mercy. Creation. Brazilian biomes.*

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália. Coordenador do curso de Teologia EaD da Claretiano Rede de Educação, sediada em Batatais, SP. Professor de Teologia Sistemática na FACASC, Florianópolis, SC.

E-mail: vitorfeller@arquifln.org.br



Introdução

“Cultivar e guardar a criação” (Gn 2,15) é o lema da Campanha da Fraternidade de 2017. Depois da celebração do Ano da Misericórdia, em que a CF-2016 refletiu ecumenicamente sobre nossa responsabilidade com a casa comum, mais uma vez a Igreja no Brasil nos convida à misericórdia com a obra da criação.¹ Desta vez, o tema é bem específico: “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida”. Embora não apareça de modo explícito a referência à misericórdia, pode-se perceber, pelas ressonâncias do pontificado atual e pelo clima que se respira em toda a Igreja, um convite a viver a misericórdia também com a criação e, neste caso específico, com os biomas brasileiros. O objetivo geral da CF-2017 repercute o chamado à misericórdia: “Cuidar da criação, de modo especial dos biomas brasileiros, dons de Deus, e promover relações fraternas com a vida e a cultura dos povos, à luz do Evangelho”.² Também na apresentação do texto-base se faz presente de modo indireto a virtude da misericórdia:

*Cultivar e guardar a criação nasce da admiração! A beleza que toma o coração faz com que nos inclinemos com reverência diante da criação. A campanha deseja, antes de tudo, levar à admiração, para que todo o cristão seja um cultivador e guardador da obra criada. Tocados pela magnanimidade e bondade dos biomas, seremos conduzidos à conversão, isto é, a cultivar e guardar.*³

Todo domingo, na celebração eucarística, confessamos: “Creio em Deus Pai, criador de todas as coisas”. Mas, durante a semana, talvez sem nos apercebermos, nos descuidamos da natureza criada por Deus-Pai. A atitude consumista e mercantilista nos torna agentes de poluição, depreciação e destruição da maravilhosa obra divina. Com isto manifestamos a incoerência de nossa fé. Professamos a fé em Deus criador e destruimos a

¹ Por diversas vezes, a CF abordou temáticas socioambientais, com tema e lema que convidaram à preocupação com o meio ambiente, ao cuidado com os bens da terra: em 1979, Por um mundo mais humano – Preserve o que é de todos; em 1986, Fraternidade e terra – Terra de Deus, terra de irmãos; em 2004, Fraternidade e a água – Água, fonte de vida; em 2007, Fraternidade e Amazônia – Vida e missão neste chão; em 2011, Fraternidade e a vida no planeta – A criação geme em dores de parto (Rm 8,22; em 2016, Casa comum, nossa responsabilidade – Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca (Am 5,24). Cf. CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 20-21 (n. 23-25).

² CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 16 (n. 10).

³ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 10 (Apresentação).



obra por ele criada. Nossa fé nos diz que foi Deus quem criou os biomas brasileiros. Por trás da obra da evolução, que durou bilhões de anos até chegar a nós e aos biomas que nos foram concedidos para cultivar e guardar, está a mão criadora de Deus. A fé nos diz que recebemos os biomas como dons. Mas nossa prática revela que nos fazemos donos deles, não sendo nem misericordiosos nem cuidadores e guardadores desses magníficos presentes que Deus ofereceu à humanidade e, nesse caso, aos brasileiros.

Esta contradição nos impele à consciência e à ação de cultivadores e guardiães, de protetores e defensores da criação. Por causa da ação predatória do ser humano, ela é tão agredida e violentada que pede socorro. A fé em Deus criador precisa tornar-se prática de misericórdia, ternura, carinho, cuidado e bondade com a criação. A situação em que se encontra a natureza é tão calamitosa que apela por nossa atitude de misericórdia. Se a palavra misericórdia, proveniente do latim (*miser, miseris + cor, cordis*), significa ter um coração voltado para as pessoas e realidades que se encontram na miséria, em estado lastimoso e deplorável, em pobreza extrema, na indigência e na penúria, deve-se admitir que, além do cuidado com as pessoas pobres e carentes, despojadas do mínimo necessário para uma vida digna, também a natureza carece de cuidado e atenção.

Com efeito, na encíclica *Laudato Si* sobre a proteção da nossa casa comum o papa Francisco relaciona o cuidado com os pobres e o cuidado da natureza. Trata-se de ouvir o grito dos pobres e o grito da Terra, pois há uma relação íntima entre o sofrimento dos pobres e a fragilidade do planeta (LS, 16). O ser humano e a criação estão inseparavelmente ligados:

Hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres (LS, 49).

O que significa ter misericórdia com a criação, com os biomas brasileiros? Há nas Escrituras revelação da misericórdia divina com sua criação? O que aprender de Deus em nossa misericórdia humana com a obra criada por ele?

A misericórdia com a criação tem por pressuposto que a natureza pede socorro. Há um grito no ar: ao grito secular dos pobres junta-se, desde algumas décadas, o grito da Terra, “os gritos da natureza” (LS, 117). Também a CF-2017 reconhece que não se pode tratar dos biomas



sem relacioná-los com seus respectivos povos, as populações originárias, assegurando-lhes os direitos de relação e convivência com a natureza onde habitam, respeitando sua história, suas culturas, seus territórios e seu modo específico de viver.⁴

Tendo em conta este contexto que relaciona misericórdia e ecologia, desenvolveremos a reflexão em cinco momentos. Analisaremos o modo como se relacionam Deus, o ser humano e a natureza criada, quanto à prática da misericórdia: quem pratica e quem recebe a misericórdia? Examinaremos a misericórdia das três pessoas divinas com a realidade criada: a criação, a encarnação e a transfiguração do mundo. Detectaremos nas Escrituras a ação misericordiosa de Deus com sua criação. Lançaremos pistas para a ação misericordiosa do ser humano em favor dos outros seres criados, vivos ou inorgânicos. Por fim, acolheremos a recorrente proposta de uma cultura da misericórdia.

1 A prática de misericórdia entre Deus, o ser humano e a natureza

Se colocarmos em relação Deus, o ser humano e a natureza, veremos que Deus somente dá misericórdia; o ser humano a recebe e a dá; a natureza só a recebe. Deus pratica, mas não recebe misericórdia. Ele é só sujeito, agente de misericórdia, e não precisa da misericórdia de ninguém, não é objeto, não é destinatário de misericórdia. Ele é, em si e por si, a própria misericórdia.⁵ Em sua pessoa e práxis Jesus revela o amor eterno que há entre ele e o Pai na eternidade, no fluxo eterno de amor unitivo e distintivo do Espírito Santo.⁶ O amor eterno do Pai que se derrama sobre ele no ato da geração é a fonte de toda misericórdia que ele fará acontecer em sua vida terrena. O amor das pessoas divinas não é misericórdia, pois não se trata de concessão, graça ou gratuidade em favor de alguém carente ou frágil. É um amor de necessidade, pois, embora de modo totalmente livre, as pessoas divinas se amam necessariamente.

⁴ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 15-16 (n. 10).

⁵ Mais que um atributo de Deus, a misericórdia é a própria essência de Deus. Ver FRANCISCO. *O nome de Deus é misericórdia: Uma conversa com Andrea Torielli*. São Paulo: Planeta, 2016.

⁶ FORTE, B. *A Trindade como história: Ensaio sobre o Deus cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 130-136.



O amor que existe na Trindade – e que constitui a Trindade – é natureza (para usar um termo que nos é acessível ainda que inadequado), não é graça; é amor, mas não misericórdia. [...] O Pai tem necessidade de amar para existir como Pai [...] (O Filho) necessita de ser amado e de amar para ser Filho. O Pai gera o Filho no Espírito Santo, ou seja, amando-O; o Pai e o Filho aspiram o Espírito Santo amando-se.⁷

Amor eterno de livre necessidade e não de gratuita misericórdia, o amor trinitário é, porém, a fonte absoluta da misericórdia que, através do Filho e do Espírito Santo, o Pai faz transbordar na criação e na história, na Igreja e na humanidade. Na relação íntima entre as três pessoas, Deus-Trindade se realiza completamente, não precisando de ninguém e de nada mais para sua eterna felicidade. Em sua infinita misericórdia, ele transborda, extrapola de amor e cria o mundo e o ser humano, como sinais de sua fecundidade. No próprio ato de criar, ele já revela sua misericórdia, ele é misericordioso com o ser humano e com todas as criaturas, e “chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4,17).

Diferentemente de Deus, o ser humano é ao mesmo tempo destinatário da misericórdia de Deus e dos semelhantes e também convidado a ser agente de misericórdia com seus semelhantes e com todas as outras criaturas. Ele recebe misericórdia de Deus para poder exercê-la em favor de seu próximo, seus companheiros de humanidade e de criação. Nesse sentido, ser misericordioso com os biomas brasileiros, além de ser uma ação de fé e de cidadania, é uma demonstração de comprometimento com Deus criador, que misericordiosamente cuida de suas criaturas.⁸

O mundo, a criação, a natureza, não é sujeito ou agente de misericórdia, não exerce misericórdia. É apenas objeto ou destinatário da misericórdia de Deus e dos seres humanos. Com exceção dos seres humanos, todos os outros seres vivos (animais e vegetais) e, claro, os inorgânicos (minerais) não são criaturas livres e responsáveis, não capazes de moralidade. Portanto, são também incapazes de misericórdia. Não exercem, somente recebem misericórdia.

A distinção no modo como essas três realidades – Deus, o ser humano, a natureza – exercem a misericórdia pode ser avaliada com o conhecido provérbio: “Deus perdoa sempre, o ser humano às vezes, a

⁷ CANTALAMESSA, R. *O rosto da misericórdia*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 12 (parêntesis e itálicos do texto).

⁸ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 91 (n. 266).



natureza nunca”. A natureza não é misericordiosa, ela não é racional, não tem coração e, portanto, não pode tomar a iniciativa de exercer algum cuidado, atenção, benevolência com algo ou alguém. Sem questionar o dado bíblico da bondade radical da criação, na qual “Deus viu que tudo era bom” (Gn 1,4.10.12.18.21.25) e, portanto, vivo e vivaz, fecundo e nutritivo, não há que se negar os males das catástrofes naturais. A isso se acrescentam as reações da natureza aos males que os seres humanos lhe causam. Na sua brutalidade, quando atacada, reage de modo às vezes assustador. Precisamente por isso, ela carece de misericórdia.

Se, da parte de Deus, ele é tanto mais misericordioso quanto mais alguém for mau, se “onde abundou o pecado, superabundou a sua graça” (Rm 5,20), pode-se dizer que ele se debruça sobre a natureza amando-a com cuidado e benevolência, protegendo-a e defendendo-a o quanto possível de ameaças que venham destruí-la.

2 A misericórdia de Deus-Trindade com a criação

A misericórdia de Deus com a criação pode ser percebida no próprio desvelar-se do ser de Deus que sai de sua intimidade trinitária para criar o mundo, para encarnar-se no mundo e para transfigurar o mundo. Três verdades nucleares do cristianismo – criação, encarnação e transfiguração –, que revelam a íntima relação de Deus misericordioso com a natureza em sua materialidade, em sua bondade radical. De tal modo Deus amou o mundo que o criou, veio a ele e chama-o a si. Assim, o mundo vem de Deus (pela criação), vive em Deus (pela encarnação) e volta para Deus (pela transfiguração). Apropriadas às pessoas divinas (a criação, ao Pai; a encarnação, ao Filho; e a transfiguração, ao Espírito Santo), essas ações extratrinitárias revelam que toda a Santíssima Trindade está profunda e misericordiosamente comprometida com a natureza.

Deus-Pai criou o mundo a partir do nada e diferenciando-o de si mesmo, dando-lhe assim uma dignidade própria. Na criação do mundo, Deus distinguiu as criaturas entre si – ser humano e mundo; homem e mulher; animais e vegetais e minerais –, cada qual com sua dignidade e importância. O Filho encarnou-se neste mundo, assumindo em seu corpo humano a realidade do mundo material, até o ponto de fazer da carne o eixo, a dobradiça, da salvação, como afirma Tertuliano: “*Caro salutis est cardo*”, “a carne é o fulcro da salvação” (*De carnis resurrectione*, 8, 3: *PL* 2, 806). O Espírito Santo transfigurar este mundo transformando-o em novos céus e nova terra.



Por sua relação direta com Deus-Trindade, a criação é radicalmente boa e revela a misericórdia divina. “Por isso, das obras criadas pode-se subir ‘à sua amorosa misericórdia’” (LS, 77).⁹ A ação criadora de Deus faz que o mundo seja bom.

A vinda de Deus a este mundo, assimilando-lhe a carnalidade, a materialidade, a fragilidade e a fugacidade, faz que o mundo seja bom e revela de modo explícito, na carne humana de Jesus de Nazaré, o rosto da divina misericórdia (MV, 1). “No apogeu do mistério da encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-lo a ele no nosso próprio mundo” (LS, 236). Ápice do mistério da encarnação é o sacramento da Eucaristia, onde

a criação encontra a sua maior elevação, (onde) a graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-se comer pela sua criatura [...] Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico [...] A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a ele em feliz e plena adoração: no pão eucarístico, ‘a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador’ (LS, 236).¹⁰

O chamado de Deus para transformar e transfigurar e glorificar o mundo faz que o mundo seja bom, chamado ao repouso sabático, à “nova criação, que tem as suas primícias na humanidade ressuscitada do Senhor, garantia da transfiguração final de toda a realidade criada” (LS, 237). Nessa ótica,

a criação não está voltada para a pura laboriosidade humana e sim para o sábado, a festa da criação, o repouso para a contemplação. Nele a criação chega à sua plenitude e ele prefigura o mundo inteiro. E para o cristão a criação está ordenada à ressurreição.¹¹

⁹ Aqui o papa Francisco cita Bento XVI: *Catequese* (09/11/2005), 3: *Insegnamenti* 1 (2005), 768; *L’Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 12/11/2005), 24.

¹⁰ Aqui também o papa Francisco cita Bento XVI: *Homilia na Missa de Corpus Christi* (15/06/2006): AAS 98 (2006), 513; *L’Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 24/06/2006), 3.

¹¹ LIBÂNIO, João Batista. *A ética do cotidiano*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 87.



Essa dimensão ecológica e escatológica da fé não tem sido devidamente refletida e vivenciada nas celebrações eucarísticas de nossas comunidades. As Igrejas do Oriente cristão, por sua acentuação à dimensão estética e simbólica da Igreja e da Eucaristia, acentuam mais essa perspectiva.¹²

O mundo, a criação, a natureza, portanto, é uma realidade boa tão somente por causa de Deus e de sua ação misericordiosa em favor do mundo.

3 A misericórdia divina com a criação na primeira aliança: a harmonia original

As Escrituras judaicas estão permeadas da ação misericordiosa de Deus. Isso é mais evidente quando se trata da relação de Deus com o ser humano em geral e, de modo mais particular, com o povo de Israel, com os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros. Mas é também recorrente a misericórdia de Deus com os animais e vegetais e, até mesmo, com a matéria inorgânica. Esta misericórdia se manifesta na forma de cuidado, atenção, amizade e até carinho.

*A misericórdia é a face que o amor de Deus Pai assume por nós. Para a criação inteira, e sobretudo para o ser humano, sua criatura espiritual, o amor do Pai se revela como benevolência. Esta estende-se a toda a criação e constitui o olhar amoroso e benigno que o Pai dirige ao Filho Unigênito, seu Filho dileto.*¹³

Em termos básicos a misericórdia divina com a criação se revela na bondade radical de cada ser criado e na harmonia geral entre todos eles.¹⁴ Os relatos bíblicos da criação apontam para a harmonia original entre todos os seres criados. A criação do mundo em sete dias indica, pelo próprio significado do número, a perfeição da obra criada.

¹² ZIZIOULAS, I. *A Criação como Eucaristia: Proposta teológica ao problema da ecologia*. São Paulo/Florianópolis: Mundo e Missão/ITESC, 2001; ID. *Eucaristia e Reino de Deus*. São Paulo/Florianópolis: Mundo e Missão/ITESC, 2003; Koubetch, V. *Da criação à parusia – Linhas mestras da teologia cristã oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004.

¹³ SAGNE, Jean-Claude. “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 115.

¹⁴ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 73-76 (n. 228-233).



A inter-relação de seus elementos é identificável inclusive na criação primeiro dos ambientes, para na mesma sequência criar aqueles que neles se encontram (luz-luzeiro, firmamento-pássaros, águas-peixes, solo firme-animais terrestres) [...] Assim a Bíblia afirma eu nenhum ser existe isoladamente, todos estão relacionados como partes de um plano no qual, de certa forma, uns dependem dos outros e o ser humano possui o papel de ser o guarda desta obra criada.¹⁵

Portanto, o mandamento divino de encher a terra e submetê-la (Gn 1,28) não pode ser compreendido, em uma má compreensão do texto, como exploração selvagem da natureza, mas no sentido do mandamento imediatamente anterior de cultivar e guardar (Gn 1,25). Na linha do cuidado misericordioso, assim explica o papa Francisco: “‘cultivar’ quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, ‘guardar’ significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza” (LS, 67).

Além da instauração de uma harmonia original entre todos os seres e da inserção ontológica da bondade radical de cada ser, uma notável expressão da misericórdia de Deus com a criação é a instituição do ano sabático e do jubileu. Como a terra pertence exclusivamente a Deus, que a doou aos membros do povo de Israel, é ele quem determina seu uso. A cada sete anos ela precisa de repouso e, a cada 50 anos, deve voltar a seus antigos donos. “Sinal tangível da misericórdia de Deus, a terra teria, por sua vez, no sétimo e no quinquagésimo ano, direito a um tempo em que seria deixada em repouso, ou seja, nenhuma mão humana trabalharia nela para semear ou colher, mas viveria a liberdade da relação exclusiva com o seu Senhor. Naquele ano, a terra reencontraria sua virgindade, o tempo da fecundidade que deriva totalmente de Deus”.¹⁶

Os escritos proféticos também revelam a misericórdia de Deus com sua criação. Texto significativo é o que Ney Brasil Pereira chama de “manifesto ecológico de Oseias” (Os 4,1-3).¹⁷ Em forma de processo judicial, Deus reclama que toda a terra está sofrendo, por falta de fidelidade e misericórdia e conhecimento de Deus, por causa de perjúrio

¹⁵ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 73-74 (n. 228).

¹⁶ VIRGILI, Rosana. A misericórdia de Deus no Primeiro Testamento. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 19.

¹⁷ PEREIRA, N. B. O manifesto ecológico de Oseias (Os 4,1-3). In: *Encontros Teológicos* 72, Florianópolis: FACASC, 2015/3. p. 139-147.



e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência. A misericórdia de Deus com sua criação expressa-se aqui como um protesto contra a falta de misericórdia humana com as coisas criadas e profetiza que vão desaparecer os animais da terra, as aves do céu e os peixes do mar, ou seja, toda a criação. “Toda a terra será devastada”, dirá Jeremias (Jr 4,23-28).

Em outras passagens dos profetas, Deus continua manifestando sua misericórdia com a criação. Mas sempre o faz pelo lado inverso, isto é, reclamando que, por causa dos pecados e transgressões da maldade humana, toda a terra vem a sofrer (Jr 12,4; 23,10; Is 24,4-6; Ag 1,1; ver tb.: Gn 3,17; 6,5-7). A falta de misericórdia entre os seres humanos repercute na terra, em forma de desolação: morte de animais, secas, desertificação etc. Por isso, a súplica divina: “É a misericórdia que eu quero, e não animais sacrificados” (Os 6,6).

A grande expressão da misericórdia divina com a criação nos profetas é o

anúncio de um novo tempo, no qual será o próprio Deus a intervir na desarmonia presente no coração do homem (Ez 37). Inicia-se assim o anúncio de um tempo novo, o tempo messiânico, no qual a conversão e a esperança podem renascer. Em Isaías o tempo messiânico é anunciado como um tempo no qual a harmonia da criação será restabelecida. O homem recuperará sua relação com Deus: ‘teus filhos serão todos discípulos do Senhor e grande será a felicidade deles’ (Is 54,13). A relação entre os homens será restaurada: ‘nenhuma nação pegará em armas contra a outra e nunca mais se treinarão para a guerra’ (Is 2,4; Is 60,18-19). E a relação com todo o mundo criado será pacificada: ‘o lobo, então, será hóspede do cordeiro, o leopardo vai se deitar ao lado do cabrito, o bezerro e o leãozinho pastam juntos, uma criança pequena toca os dois [...] O bebê vai brincar no buraco da cobra venenosa’ (Is 11,6-8). A harmonia que regia os relacionamentos será restaurada.¹⁸

Há no conjunto dos salmos uma recorrente exaltação da misericórdia divina com a criação. Nos vv. 10 e 11 do Salmo 57, descobre-se “que a misericórdia divina enche o universo e atinge todos os povos da terra” e que “o amor divino difunde-se do centro do coração do orante até os espaços mais inacessíveis”.¹⁹ Nos vv. 5 e 6 do Salmo 92, o orante

¹⁸ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 77 (n. 238).

¹⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Os Salmos da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. p. 82.



louva o Senhor, que “é motivo de alegria [...] por causa das suas maravilhas e da obra de suas mãos”.²⁰ Nos vv. 11 a 19 do Salmo 103, “o cosmos torna-se o espaço para narrar a grandeza e a profundidade do amor divino”, enquanto “o trono de Deus que está nos céus é a imagem da perenidade do seu amor/misericórdia”.²¹

O Salmo 136 exalta em cada versículo a eternidade da misericórdia divina. Inicia a memória da história da salvação com a criação (vv. 4-9), repetindo o verbo “fazer” (vv. 4.5.7), “veiculando a imagem de um Deus criador, próximo da sua criatura, que, com as suas mãos, a molda como um oleiro o seu barro”.²² Revela-se aí o carinho divino com suas criaturas: céu, terra, água, sol e lua. Constata-se que “a obra divina é fruto da sua vontade de criar um mundo ordenado e harmonioso, um habitat adaptado à vida humana”.²³ O v. 25 do Salmo 136 (“ele dá alimento a todo ser vivo, porque eterno é seu amor”) contém a imagem, recorrente em todo o saltério, de “Deus que mata a fome de todo ser vivente” (Sl 104,27-28; 145,15; 147,9; cf. tb. At 14,16-17). A expressão usada é “todo ser vivente” (“toda carne”, no original), “alargando assim o horizonte da misericórdia divina a toda a criação e abraçando, segundo um projeto imprevisto para os homens, também os animais”.²⁴ Afinal, na sua misericórdia Deus salva homens e animais (Sl 35,7).

Também os livros sapienciais exaltam a misericórdia divina com a criação. No Eclesiástico, ao tratar da maldição divina sobre ímpios, o autor conclui: “Sua piedade se manifesta a toda a criação, ele partilhou sua luz e sua sombra entre os homens” (16,16). Dois capítulos mais adiante, depois de insistir na miserabilidade do ser humano (18,7-11), o sirácida estabelece a diferença entre a misericórdia divina e a humana: “A misericórdia humana é em favor do seu próximo, mas a misericórdia do Senhor é para todos os seres vivos” (18,12). Na Sabedoria, o autor exalta a benevolência divina em favor do ser humano e do mundo:

²⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Os Salmos da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. p. 88.

²¹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Os Salmos da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. p. 104, 108.

²² CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Os Salmos da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. p. 126.

²³ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Os Salmos da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. p. 127.

²⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Os Salmos da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. p. 132.



Sim, tu amas tudo o que criaste, e não detestas nada do que fizeste. Se alguma coisa odiasses, não a terias feito. Como poderia alguma coisa permanecer, se não a quisesses? Ou como poderia alguma coisa se manter, se não a tivesses chamado? Mas tudo poupas, pois tudo é teu, Senhor, amigo da vida (Sb 11,24-26).

Vê-se aqui que a misericórdia é “o sinal da onipotência do Criador”.²⁵ A amizade e a misericórdia de Deus com suas criaturas são reconhecidas pelo sábio: “todos levam teu espírito incorruptível” (Sb 12,1). Trata-se do espírito de Deus que está na origem do ser e da vida, do sopro vital derramado por Deus nas criaturas (Gn 2,7; 6,3; Sl 104,29-30; Jó 27,3; 34,14-15), do “Espírito de Deus que penetra todos os seres por sua pureza (Sb 7,24)”²⁶. O cuidado e carinho de Deus com sua criação manifestam-se, ainda, na alegria da sabedoria mediadora da obra da criação (Pr 8,27-30).

Em todos esses textos expressa-se a misericórdia, seja na forma de anúncio da harmonia original da criação, seja na forma de denúncia da ruptura da aliança por obra do pecado humano.

4 A misericórdia divina com a criação na nova aliança: restauração de tudo em Cristo

Os tempos messiânicos anunciados pelos profetas começam a realizar-se com o advento do Reino de Deus, com a pessoa, a pregação e a práxis de Jesus de Nazaré, que em sua humanidade revelou carinho, ternura e misericórdia com todos os seres da criação.

A relação de Jesus com a criação serve de paradigma para o que ensinará aos seus discípulos. Em suas parábolas faz perceber que a criação contém em si explicações do agir de Deus (Mc 4,3-9) e de realidades relativas ao Reino de Deus. Jesus utiliza de elementos da criação em sua catequese: a graça de Deus é comparada a uma fonte de água viva (Jo,4,10-14), a bondade de Deus com a chuva que cai sobre justos e injustos (Mt 4,45), a relação do homem com Deus com a vinha e seus

²⁵ SAGNE, Jean-Claude. “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 122.

²⁶ SAGNE, Jean-Claude. “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 120.



ramos (Jo 15), a fé com a semente e o coração do homem com o terreno onde a semente é lançada (Mc 4,1-20).²⁷

No Novo Testamento, as aves do céu em sua despreocupação com o alimento diário, as flores do campo em sua beleza e esplendor, as ervas em sua fugacidade (Mt 6,26-30), os pardais na tranquilidade de curta existência (Mt 10,29), as serpentes em sua prudência e as pombas em sua simplicidade (Mt 10,16) revelam o cuidado, o carinho, a misericórdia de Deus com a criação. O uso reiterado de elementos da natureza em suas parábolas (ovelhas, sementes, peixes, trigo e joio, grão de mostarda, pérolas etc.) e em suas autoapresentações (luz, videira, cordeiro, água, pão etc.) revelam a singeleza de Jesus, seu cuidado e ternura com a criação. “As imagens tiradas da natureza, embora a serviço do ensinamento, revelam algo da sensibilidade contemplativa de Jesus”.²⁸

É de se considerar, sobretudo, que a revelação explícita do rosto da misericórdia divina acontece na carne humana de Jesus de Nazaré (MV,1). “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único [...] Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (Jo 3,16-17). Está claro que o mundo de que se fala aqui é, num primeiro momento, a humanidade. Mas, pode-se estender o significado para abranger também a realidade material, cósmica, o universo criado, o mundo que não existia antes do Filho (Jo 17,5.24), que foi feito por meio dele (Jo 1,3.10) e ao qual ele veio, como luz verdadeira (Jo 1,9; 3,19; 12,46). Este mundo, ao mesmo tempo material e humano, foi amado de tal forma por Deus que ele quis assumi-lo em sua própria carnalidade.

Se é marcante na primeira aliança o lamento pela ruptura da harmonia original, isso se torna ainda mais dramático na revelação da nova aliança, quando aparece claramente o confronto entre a beleza original e restaurada em Cristo e a persistência do pecado, entre a Jerusalém celeste e a terra devastada, entre o novo céu e a nova terra e o caos produzido pela ganância humana. É o que se percebe, em linguagem carregada do peso dos símbolos, no livro do Apocalipse, que

²⁷ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 78 (n. 241).

²⁸ SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 2331, nota sobre Mt 6,24-34.



apresenta os sofrimentos e contradições dentro da obra criada. Muitos são os elementos que apontam para o desequilíbrio gerado pelo pecado do homem e que despejam suas consequências em toda a criação. São apresentados rios poluídos (Ap 8,8; 16,4), árvores que são queimadas (Ap 8,7), pessoas que morrem (Ap Ap 8,11), terremotos (Ap 16,18), pessoas acometidas por doenças (Ap 9,4-5) um cavaleiro que recebe o poder de retirar a paz da terra para que os homens se matassem (Ap 6,4), outro que mata pela espada, fome e peste (Ap 6,7).²⁹

No entanto, mesmo que haja tanta maldade entre os seres humanos e tanta destruição da natureza, o crente é convidado a confiar na misericórdia restauradora de Deus criador. Pois ao criar este mundo e nele encarnar-se, Deus abre o caminho para a revelação do ato máximo de sua misericórdia, a glorificação de todas as coisas. Por sua morte e ressurreição, o Filho eterno feito homem abriu as portas para que, não apenas o ser humano, mas toda a realidade criada fosse chamada à transfiguração. Pois a partir de Jesus Cristo, não somente é preciso acentuar que Deus cria *ex nihilo* e que o novo não se pode explicar em termos de lógica de causalidade natural, mas é urgente afirmar que Deus cria *ex morte* e que o novo se explica melhor na lógica da reação natural de Deus ao antinatural ou anti-humano do homem e de sua obra perversa na destruição da natureza.³⁰ Se na obra da criação já se revela o poder de Deus que do nada (*ex nihilo*) chama todas as coisas à existência, muito mais poderosa se revela sua ação restauradora e transfiguradora, que a partir da paixão e morte (*ex morte*) de Jesus e, por extensão, de toda a humanidade e de todas as coisas, renova a face da terra.

É o que nos é revelado na Carta aos Romanos, precisamente no capítulo que fala da vida nova do crente em Cristo e no Espírito Santo:

A criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus (Rm 8,19-21).

²⁹ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 79 (n. 243).

³⁰ FELLER, V. G. *O Deus da revelação: A dialética entre revelação e libertação na teologia latino-americana*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 202-203.



Assim, o mundo material, criado com o ser humano e para o ser humano, participa do mesmo destino humano. De um lado, a maldição do pecado; de outro, por especial graça misericordiosa de Deus, a transformação gloriosa. Diferentemente da filosofia grega, que separa o espírito da matéria, considerada má, a fé cristã considera a bondade radical da matéria. Como o corpo humano, pela misericórdia divina, é objeto de redenção e destinado à glória, também a realidade deste mundo será redimida e participará da glória futura. “Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez realidade nova” (2 Cor 5,17). “Quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos” (1 Cor 15,28).

É ainda o livro do Apocalipse, o último das Escrituras sagradas, a nos garantir a superação de todos os males da história, causados pela falta de misericórdia com o próximo e a criação.

Quando a trama atinge seu clímax parecendo não haver mais solução, a intervenção divina estabelece um fim a este sofrimento e surge então um novo céu e uma nova terra (Ap 21,1). A meta da história foi alcançada, a criação foi reconstruída em Jesus Cristo que faz novas todas as coisas (Ap 21,5). O êxodo duro e difícil da história encontra no advento do novo céu e da nova terra o seu termo, sua realização. Os símbolos utilizados para descrever a Jerusalém celeste mostram que a criação está renovada. Diante do trono existe um rio de água vivificante (Ap 22,1), a árvore da vida (Ap 22,2), a noite desaparecerá, porque a luz será o próprio Senhor (Ap 22,5).³¹

5 A cultura da misericórdia com a Criação

Recordando que o papa João Paulo II assinalava o esquecimento em que caíra o tema da misericórdia na cultura de nosso tempo³² e, portanto, motivava a urgência de anunciá-la e testemunhá-la no mundo contemporâneo, o papa Francisco, na bula *Misericordiae vultus*, interpela

³¹ CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016. p. 79-80 (n. 243).

³² JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dives in Misericordia*, sobre a divina misericórdia (30/11/1980). São Paulo: Paulinas, 1980: “A mentalidade contemporânea, talvez mais do que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, tende a separar da vida e a tirar do coração humano a própria ideia da misericórdia” (n. 2). “O próprio mistério de Cristo [...] me impele ainda a apelar para esta misericórdia e a implorá-la nesta fase difícil e crítica da história da Igreja e do mundo” (n. 15).



a Igreja a tornar-se portadora, serva e mediadora da misericórdia divina (MV, 11). A humanidade de hoje carece de uma cultura da misericórdia!

Quando o ser humano acolhe, em seu coração, em sua comunidade, em suas instituições, a misericórdia divina, passa a vivê-la e transmiti-la aos seus irmãos e a toda a obra criada. Renovado de seus pecados e com o coração purificado pela misericórdia divina, o ser humano torna-se também misericordioso. Na pureza do coração, ele vê a Deus (Mt 5,8) em todas as pessoas e em todas as coisas. É o convite que faz Inácio de Loyola, nos *Exercícios Espirituais*, para ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus: “Olhar como Deus habita nas criaturas [...], como trabalha e age por mim em todas as coisas criadas sobre a terra [...], como todos os bens e dons descem do alto” (EE, 235-237). “A pureza de coração [...] exprime uma atenção por todas as criaturas, visto que nos foram dadas por Deus. O ser humano, de coração puro, é misericordioso com todos”.³³

A pureza na contemplação de todas as coisas é exaltada por Isaac, o Sírio: “O que é a pureza? É ter um coração compassivo com toda a criação [...] É um coração que se inflama por toda a criação, pelos seres humanos, pelos pássaros, pelos animais, pelos demônios, por todo ser criado. Quando pensa neles e quando os vê, seus olhos derramam lágrimas. A sua misericórdia é tão forte e violenta e sua constância tão grande, que o seu coração se fecha, não podendo suportar ouvir nem ver o mínimo mal ou a menor tristeza na criação. Eis porque suplica, entre lágrimas, a cada instante, pelos animais desprovidos de racionalidade, pelos inimigos da verdade e por todos aqueles que praticam o mal, a fim de que sejam protegidos e perdoados. Na imensa compaixão que brota de seu coração, sem media, à imagem de Deus, ele reza até pelas serpentes”.³⁴

Deixar-se envolver de tal modo pela misericórdia com a criação a ponto de inflamar o coração de amor por todas as coisas, só é possível pela superação do antropocentrismo moderno e do paradigma tecnocrático (LS, 106-120), que caracteriza, de um lado, a interpretação exegética dominante na história do cristianismo e, de outro, as opções filosóficas e

³³ SAGNE, Jean-Claude. “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 130.

³⁴ ISAAC, O SÍRIO. *Oeuvres spirituelles, 81^o. discours ascétique*. Paris: Desclée de Brouwer, 1981. p. 135. Citado por SAGNE, Jean-Claude. “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 131.



técnico-científicas do mundo moderno. Em vez de uma visão hierárquica das coisas criadas, com o ser humano no ápice, há quem proponha a concepção de todas as coisas na forma de rede, de uma comunidade de vida. “A criação e a história como criação continuada não evoluem em direção ao ser humano como seu ápice e sua glória, mas em direção à comunhão sabática da comunidade de vida: ‘o sábado é a coroa da criação’. É na comunidade de vida, na inclusão da variedade das espécies, que o ser humano ganha seu lugar adequado e o Criador é glorificado. A convivência da biodiversidade é o sábado da criação, sentido e destino de toda a criação”.³⁵

Para ouvir o clamor da Terra e viver a misericórdia com a criação é urgente superar a moral convencional que configura a atual ordem estabelecida, profundamente antiecológica. Esta moral convencional “é utilitarista e antropocêntrica e faz da terra um mero depósito de recursos para satisfazer os desejos humanos, sem o sentido de respeito à alteridade e dos direitos dos demais seres da natureza”.³⁶ Isso implica a opção por uma ética capaz da “salvaguarda do planeta e de todos os seus sistemas, a defesa e a promoção da vida a partir daquelas mais ameaçadas”.³⁷ Para tal, além do princípio da responsabilidade formulado por Hans Jonas³⁸, faz-se necessário ativar o princípio da compaixão, presente nas grandes tradições espirituais da humanidade, o qual é assim formulado por Leonardo Boff: “bom é tudo o que conserva e promove todos os seres em seu equilíbrio dinâmico, especialmente os vivos e, dentre os vivos, os mais fracos e ameaçados; mau é tudo o que prejudica e faz desaparecer os seres ou destrói as condições de sua reprodução e desenvolvimento”.³⁹

Em nossa época vivemos o exílio da misericórdia em favor da rigidez da razão instrumental, o rebaixamento da compaixão em favor da primazia do racionalismo auto-subsistente. O desequilíbrio entre compaixão e razão, misericórdia e técnica, leva aos extremismos do

³⁵ SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. *A vida dos outros: Ética e teologia da libertação animal*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 174.

³⁶ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 187.

³⁷ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 187.

³⁸ Assim Hans Jonas formula o princípio da responsabilidade: “Age de tal maneira que as consequências de tua ação reforcem a permanência da autêntica vida humana sobre a Terra”. Citado por BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 187.

³⁹ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 188.



fundamentalismo e do relativismo. Banaliza-se o amor, caem as convicções, desacredita-se da possibilidade de mudar a história, desconfia-se das instituições, desmancha-se toda solidez. “A onipotência da razão foi abalada pela impotência do niilismo [...] A razão banca a própria renúncia para enxergar mais além com a mais cruel das condenações: assistir muda à revanche dos afetos, à banalização do sentido e à pulverização das grandes perguntas. O que parecia fraco demais aos olhos do racionalismo moderno, agora readquire um crédito antes impensável, ainda que o desejo se rebaixe ao nível de gozo de vivência, de sabor quase neopagão, com seu séquito de pequenas idolatrias politeístas e as tábuas dos mandamentos atiradas ao chão”.⁴⁰ Os pobres e a natureza são os que mais sofrem com toda essa arrogância da razão.

Nessa época em que a carência e o desejo de misericórdia são, de um lado evidentes e irreprimíveis e, de outro, incapazes de se reconhecer e de se expressar, a Igreja é chamada a voltar ao essencial para responder ao empobrecimento da vida com um projeto cultural centrado na prática do amor. Nesse projeto cultural centralizado na misericórdia, entre outras posturas a serem revistas está o modo com o ser humano aborda a natureza. Em sua caminhada pela história, na elaboração da cultura, na construção das civilizações, o ser humano sempre se serviu da natureza, promovendo-a e defendendo-a da depredação ou transformando-a em bens necessários à própria existência particular e social. Nos tempos atuais, por falta de misericórdia, o ser humano relaciona-se com a natureza como predador, destruidor, dominado pela lógica do domínio e do lucro. Torna-se incapaz de ver a criação como dom e graça, para retê-la como posse. Ao paradigma do dom, típico das sociedades primitivas, contrapõe o paradigma do domínio, próprio das sociedades modernas. O pelagianismo do orgulho e da razão técnica, do poder e da eficácia, faz-se presente também nas relações do ser humano com a natureza.⁴¹

A cultura da misericórdia, na forma de compaixão e beneficência, da prontidão para deixar-se tocar pela miséria do outro (do próximo e da natureza) e capacidade para responder ao mal com o bem, reivindica e promove uma “reviravolta total do modelo cultural que interpreta a vida na ótica do

⁴⁰ ALICI, Luigi. A misericórdia como profecia cultural. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 195.

⁴¹ FELLER, Vitor Galdino. A crítica do papa Francisco ao pelagianismo. In: *Encontros Teológicos* 70, Florianópolis: FACASC, 2015/1. p. 51-71.



tomar, em vez de receber; que antepõe a lógica do ter e do poder à do acolher e do ser; que não consegue enxergar além do cálculo e do lucro”.⁴²

Conclusão

O tema da ecologia, cada vez mais premente em nosso tempo, aponta para soluções que fujam do imediatismo economicista e dos conchavos políticos, e até mesmo das análises científicas e práticas pedagógicas. Considerando que, para além e no profundo da crise econômico-política e sociocultural que vivemos, está em questão uma crise ético-espiritual, indicamos o caminho teológico da misericórdia como pontapé inicial para o engajamento humanitário na promoção e defesa da vida do meio ambiente e, nela, do ser humano. O modo como Deus criador relaciona-se com todas as formas de vida, conforme atestado nas Escrituras judaico-cristãs, está a sinalizar-nos que devemos empenhar-nos por uma cultura da misericórdia com todos os seres vivos e, no caso em pauta, com os biomas brasileiros.

Referências

- ALICI, Luigi. A misericórdia como profecia cultural. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 183-206.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- _____. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CANTALAMESSA, R. *O rosto da misericórdia*. São Paulo: Paulus, 2016.
- CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007 – Texto-base*. Brasília: CNBB, 2016.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Os Salmos da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015.
- FELLER, V. G. *O Deus da revelação. A dialética entre revelação e libertação na teologia latino-americana*. São Paulo: Loyola, 1988.
- _____. A crítica do papa Francisco ao pelagianismo. In: *Encontros Teológicos* 70, Florianópolis: FACASC, 2015/1, p. 51-71.

⁴² ALICI, Luigi. A misericórdia como profecia cultural. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 201.



FORTE, B. *A Trindade como história. Ensaio sobre o Deus cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

FRANCISCO. *O nome de Deus é misericórdia*. Uma conversa com Andrea Tornielli. São Paulo: Planeta, 2016.

_____. *Misericordiae vultus*. Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. Brasília: CNBB, 2015.

_____. *Laudato Si. Louvado Sejas*. Carta encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dives in Misericordia sobre a divina misericórdia* (30/11/1980). São Paulo: Paulinas, 1980.

KOUBETCH, V. *Da criação à parusia – Linhas mestras da teologia cristã oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004.

LIBÂNIO, João Batista. *A ética do cotidiano*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PEREIRA, N. B. O manifesto ecológico de Oseias (Os 4,1-3). In: *Encontros Teológicos* 72, Florianópolis: FACASC, 2015/3, p. 139-147.

SAGNE, Jean-Claude. “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 115-135.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. *A vida dos outros. Ética e teologia da libertação animal*. São Paulo: Paulinas, 2015.

VIRGILI, Rosana. A misericórdia de Deus no Primeiro Testamento. In: VIRGILI, Rosana; CANCIAN, Domenico e outros. *Misericórdia. Face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 11-35.

ZIZIOULAS, I. *A Criação como Eucaristia. Proposta teológica ao problema da ecologia*. São Paulo; Florianópolis: Mundo e Missão; ITESC, 2001.

_____. *Eucaristia e Reino de Deus*. São Paulo; Florianópolis: Mundo e Missão; ITESC, 2003.